

UM ENCONTRO DE ALMAS

Comentário sobre o ensaio *Da Amizade* de Montaigne

Cíntia Wartusch

Aluna do curso de filosofia - Mackenzie

Difícil escrever sobre dedicação tão sublime de amor, sobre a amizade como a Michel de Montaigne e Etienne de la Boéti descrita no ensaio *Da Amizade*. Um verdadeiro encontro, de almas que se procuravam.

O peito simplesmente silencia. A voz fica a entalar na garganta diante das palavras e da intensidade de Montaigne. Delicada para os nossos dias sua história cria saudade de algo que não se conhece, que se faz tão belo como a contemplação de um último entardecer. Diz ele que amizade como a que viveu é rara, pode acontecer quem sabe uma vez “a cada três séculos”...

Nunca me fora apresentada amizade como esta.

Tudo começou por um ensaio, e só muito tempo depois Montaigne conheceu o autor, la Boéti, uma alma amiga, irmã de fato. Assim se iniciou uma “ligação de essência divina”.

Montaigne, em seu ensaio descreve o seu encontro em vida com o sentido, e a expressão da amizade, num trasbordamento de afeto delineado por reflexões sobre a amizade.

Fala-nos que não é a amizade um sentimento nascido da satisfação dos prazeres, obtenção de vantagens, ou associações de interesses, não é ela ditada pela natureza, sociedade, hospitalidade ou exigência dos sentidos, isso não seria o ideal, seriam relações pautadas pela necessidade, “amizades” a

qual conhecemos. Também não é a amizade laço de sangue, pois que entre pais e filhos o sentimento predominante é o respeito. Para Montaigne a comunicação que pretende a amizade poderia “chocar os deveres recíprocos”, e não podem os filhos dar conselhos ou censurar aos pais, o que é obrigação em uma amizade. Os irmãos, esses parecem que sempre permeiam certo tipo de rivalidade, ainda que se dêem muito bem. Remata ao dizer que os familiares não são livres escolhas de afeição, como o é uma verdadeira amizade.

Bem verdade é que os tempos são outros, mas os arquétipos representam papéis que se revestem em aparências diferentes, mas possuem um fundo tanto quanto imutável. Aos pais cabe ainda o papel da educação e encaminhamento dos filhos, não conseguem assim desviar-se de serem exemplo. Não é uma relação horizontal, e sem a imposição de certos limites.

Quanto ao amor romântico, fala Montaigne, é “chama temerária e volúvel”, “um desejo violento do que nos escapa”. A amizade por outro lado é algo tranqüilo, temperado, suave por natureza. E se é a amizade uma harmonia de gostos e vontades, quando acontece isso ao amor, ele apaga-se, o gozo é saciedade, não alimenta a chama da paixão. A amizade cresce com a freqüência, por ser espiritual, “a sua prática apura a alma”. No casamento alguns pontos como o da liberdade, a duração indeterminada e imposta, e acontecimentos que o circundam perturbam a sua paz, na amizade, nada intervém, somente ela. Montaigne, no entanto, observa que se fosse possível a amizade com quem também gozamos as delicias do corpo, essa seria perfeita e total.

Parece que esse ideal de amizade é uma idéia pura que não pode ser maculada por ciúmes, imposições ou posses, nada que é egoísta ou grave participa dela. Um acolhimento profundo que toca o íntimo tão íntimo não poderia trazer consigo qualquer coisa que o ferisse ou o tolhesse, no que poderia destruí-lo. A amizade é constituída de tamanha virtude, amor e bem, que jamais poderia fazer o mal, no que não seria mais amizade. E ela é tão forte que transcende até mesmo a morte. Plena é incorruptível, imortal hoje se faz em suas palavras, no seu comovente ensaio de amizade.

“A amizade atinge sua irradiação total na maturidade da idade e do espírito”, e assim foi com ele e La Boétie, numa atração irresistível, fundiram suas almas em

uma só, nada havia que as delimitasse. Não havia reservas de nenhuma espécie, Montaigne declara que não existia “meu” ou “dele”, perderam-se um no outro, sem segredos, sem vontades dispares, num conhecimento tão profundo da alma um do outro que nenhuma ação ser-lhes-ia estranha.

A confiança no outro era maior que em si mesmo, sólida nunca desconfiava, pois que era límpida e segura. Uma entrega sem limites.

Uma afeição recíproca que não poderia ser dividida com outros, como nas amizades comuns. Outra amizade poderia pedir algum segredo, o que já seria uma distância, uma cisão nestas almas unificadas e totalmente preenchidas.

Nesta perfeição de amizade não havia favores, obrigações ou agradecimentos... Isso não se tem consigo mesmo! O um é o outro, e o outro também é ele.

De dimensão divina essa amizade não teve extensão no tempo, quatro anos durou até que a morte roubou a alma de la Boéti de seu irmão Montaigne, assim foram: irmãos que se escolheram. Com o falecimento de la Boéti, Montaigne lamenta a perda de sua melhor metade, e com ela diz que também desceu ao túmulo. Esse fato despedaçou sua alegria e seu encanto pela vida, que só conheceu verdadeira felicidade quando a fruiu completo, com sua outra metade.

O mistério de coisa tão rara, Montaigne explica com a simplicidade: “Se insistirem para que eu diga por que o amava, sinto que o não saberia expressar senão respondendo: porque era ele; porque era eu”.

Referência:

Montaigne, M. “Da Amizade” In *Ensaaios / Michel de Montaigne*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

